

LIVRO DIDÁTICO E MARCAS IDENTITÁRIAS AFRO-BRASILEIRAS

Warley da Costa<sup>1</sup>

Resumo:

O presente trabalho pretende analisar de que forma as imagens da escravidão, reproduzidas nos livros de história, influenciaram a construção identitária de ex-alunos da rede municipal do Rio de Janeiro. Ele foi desenvolvido a partir da pesquisa de campo realizada na dissertação de Mestrado em Educação da UNIRIO<sup>2</sup>. No caminhar da pesquisa, percebemos certa dificuldade de alguns entrevistados negros em abordar o tema, assim como contradições nas falas ou silêncios. Questionamos então: Que identidades foram forjadas ao longo do tempo? Que elementos definiram as fronteiras do ser negro? Neste estudo fizemos o retorno da entrevista de dois alunos do grupo inicial com o objetivo de aprofundar estas questões. Buscamos sustentação teórica em autores como Stuart Hall, Kathryn Woodward, Ricardo Ferreira, entre outros.

Palavras-chave: imagens da escravidão; identidades; representações

Abstract:

This paper intends to analyse the way slavery images reproduced in History books influenced the identitária constuction of former students of the Rede Municipal do Rio de Janeiro. It was developed from the research carried through in the tese Master in program of the UNIRIO. In walking of the research, we perceive certain difficulty of some interviewed black in approaching the subject, as well as contradictions in you say or silence to them. We question then: That identities had been forged throughout the time? That elements had defined the borders of the black being? In this study we made the return of the interview of two students of the initial group with the objective to deepen these questions. We search theoretical sustentation in authors as Stuart Hall, Kathryn Woodward, Ricardo Ferreira, among others.

Key-words: slavery images; identities; representation

---

<sup>1</sup> Dotouranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRJ.

<sup>2</sup> COSTA, Warley. *As imagens da escravidão nos livros didáticos de História do ensino fundamental: representações e identidades*, Dissertação e Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIRIO, 2006. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nailda Bonato.

O ensino de História passou nas últimas décadas por grande renovação. As grandes narrativas e a História dos grandes heróis deixaram de ser objeto de pesquisa nas academias. A nova História Social passou a ocupar um lugar considerável nas academias principalmente no processo de abertura política nos finais da década de 1990. No que se refere à questão do negro na História do Brasil notou-se um crescimento substancial, a partir da década de 1980, especialmente a partir do centenário da abolição, da produção de trabalhos sobre a escravidão. Novas abordagens balizadas em fontes e pesquisas documentais procuraram evidenciar a relativa autonomia dos negros em cativeiro. Esses estudos<sup>3</sup> buscavam demonstrar que, apesar da violência da escravidão, o negro não se manteve passivo ou alienado, não se manteve incapacitado para construir espaços próprios. Verificamos, que esse viés perseguido pela História Social se limitou aos debates no âmbito da academia distanciando-se das salas de aula.

Entretanto, apesar dessas mudanças observou-se que a historiografia centrada na visão européia prevaleceu nos currículos escolares. Percebemos que os livros didáticos silenciaram sobre a história de índios e negros. Se não silenciaram totalmente sobre esses atores, promoveram uma superexposição do branco europeu, ofuscando os demais. Observamos também que os livros de História ao tratar desse tema apresentavam apenas momentos de sofrimento e torturas vivenciados pelo trabalhador escravo negro. As representações do passado e o pesado legado cultural do escravismo consolidou-se na memória coletiva sendo repassados de geração a geração, expressos por palavras, gestos, imagens e silêncios. A memória de quase quatrocentos anos de escravidão permaneceu acesa, consolidando valores culturais depreciativos em relação ao negro. Na sala de aula, esse mecanismo se reproduziu tendo como aliado o livro didático, visto que era, e ainda é, um recurso amplamente utilizado.

O presente trabalho, elaborado para efeito de apresentação neste seminário, tem como objetivo aprofundar algumas questões pendentes na Dissertação de Mestrado em Educação da UNIRIO. Na dissertação, pesquisamos a influência das imagens da escravidão em livros de História, editados nos anos 1980/1990<sup>4</sup>, para ex-alunos de

---

<sup>3</sup> Estudos de Sheila Faria, Sidney Challoub, Hebe Mattos, João José Reis, Sylvia Lara entre outros.

<sup>4</sup> Foram selecionados quatro livros didáticos para este estudo, a saber: *Os caminhos do homem*, de Adhemar Martins Marques, Flavio Costa Berutti e Ricardo Moura Faria, Vol. 2. Belo Horizonte: Editora Lê, 1991; *História Martins*, de José Roberto Martins Ferreira, São Paulo: FTD, 1991; *História integrada, o mundo da Idade Moderna*, de Cláudio Vicentino, São Paulo: Scipione, 1995 e *História: passado*

3

escolas públicas que utilizaram os mesmos, na produção de representações e identidades. Na ocasião (2004/2006), foram entrevistados nove alunos que estudaram nos anos 1990 e que utilizaram os livros didáticos selecionados e analisados na dissertação. No caminhar da pesquisa de campo, percebemos certa dificuldade de alguns entrevistados negros em abordar o tema: não identificação com os personagens, o silêncio, a mudança de assunto. As contradições percebidas nas falas ou nos silêncios nos levaram a questionamentos como: Que marcas identitárias foram forjadas ao longo do tempo? Que sistemas simbólicos foram utilizados para identificar-se como negros? Que elementos definiram as fronteiras do ser negro? Que identidades foram retratadas nas narrativas dos ex-alunos?

Considerando, que as questões elencadas não foram suficientemente respondidas, desenvolvemos nesse estudo um aprofundamento sobre as histórias de vida de dois ex-alunos entrevistados na ocasião da pesquisa de Mestrado. Eles foram selecionados para este estudo, pois suas respostas destoaram das respostas do grupo. Para isso, voltamos a entrevistá-los, buscando na entrevista reflexiva (SZYMANSKI) uma possibilidade de elucidar algumas dessas questões.

Encontramos sustentação teórica em autores como Stuart Hall, Kathryn Woodward, Ricardo Ferreira, entre outros para pensar as marcas identitárias reveladas nas narrativas dos atores envolvidos.

### **1. Sobre a pesquisa e os limites da pesquisa:**

Na pesquisa de campo realizada na dissertação de mestrado utilizamos como instrumento de coleta de dados entrevistas a ex-alunos da Rede Municipal do Rio de Janeiro que estudaram na década de 1990 e que utilizaram livros de História analisados. Estes livros foram escolhidos por estarem, na época, incluídos no Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) e terem sido amplamente utilizados nas escolas da referida rede. O objetivo da pesquisa era investigar de que forma as imagens da escravidão veiculadas nestes livros influenciaram a produção das representações do negro para esses alunos, assim como as marcas identitárias afro-brasileiras. Já havíamos concluído que a maioria

---

*presente: a formação do capitalismo e a colonização da América., de Sonia Irene do Carmo e Eliane Couto, vol. 2, São Paulo: Atual, 1997*

4

das imagens dos livros retratava os negros em momentos de permanente sofrimento: castigos, torturas, trabalho pesado, tráfico. Entretanto, durante a pesquisa de campo, nenhum dos entrevistados declarou em momento algum sua cor, o que poderia ter acontecido mesmo que não tivéssemos perguntado. A não identificação dos alunos afro-descendentes com os personagens retratados nas imagens, que são pessoas sofridas e maltratadas, nos levam a concordar com Pesavento quando ela afirma que,

*Assumir uma identidade implica encontrar gratificação com esse endosso. Enquanto construção imaginária de sentido, as identidades fornecem como que uma compensação simbólica a perdas reais da vida. Identidades gloriosas confortam e suprem carências na vida social e material, por exemplo. (2000: 91)*

Sendo assim, neste caso, silêncio sobre a cor pode ser o ponto nevrálgico da questão, pois ninguém quer ser aquele que apanha, trabalha e sofre.

As dificuldades e o constrangimento no ato da pesquisa nos levam a refletir sobre alguns aspectos que podem interferir nos resultados se não estivermos atentos à eles. O encontro entre pesquisador e entrevistado pressupõe uma interação entre um e outro que envolve expectativas em relação ao que se espera daquele momento. Envolve também uma relação de poder no qual o pesquisador detém o controle da situação, pois ao convocar o sujeito da pesquisa, já tem em mente os objetivos a que se propõe. Ao mesmo tempo, podemos considerar também nesta relação de poder, que esta desigualdade pode ser bastante relativa pois o entrevistado pode reconhecer a importância das informações que possui e com isso exercer também um certo poder. Esta possibilidade equilibra as relações aproximando os dois lados. “Não podemos deixar de considerar o entrevistado como tendo o conhecimento do seu próprio mundo, do mundo do entrevistador e das relações entre eles”. (SZYMANSKI, 2002, p.13)

Outro aspecto é que as informações dos entrevistados estão sujeitas a situações que envolvem elementos da vida do entrevistado ou até mesmo sentimentos em relação ao entrevistador. O fato dele se sentir valorizado, ameaçado ou invadido pode definir a qualidade dos resultados da pesquisa.

Segundo Minayo,

*A premissa básica, em ambos os casos, é de que a entrevista não é simplesmente um trabalho de coleta de dados, mas sempre uma situação de interação na qual as informações dadas pelos sujeitos podem ser profundamente afetadas pela natureza de suas relações com o entrevistador. (1996, p.114)*

A nossa experiência com a pesquisa de campo revelou, pelo menos no caso dos dois ex-alunos que voltamos a entrevistar, uma certa dificuldade do entrevistado em responder objetivamente às questões apontadas. Não propriamente pela relação entre os atores envolvidos, mas pela natureza das questões que exigiam um posicionamento diante das imagens apresentadas que revelavam a dor e o sofrimento dos escravos.

## **2. Identidades afro-brasileiras**

No trabalho que ora apresentamos selecionamos dois alunos afro-brasileiros que apresentaram algumas respostas, um tanto contraditórias na entrevista e que nos chamaram a atenção. O fato de serem irmãos e terem tido a mesma formação, inclusive terem estudado durante todo o ensino básico (ensino fundamental e médio) na mesma turma e vivenciando as mesmas experiências escolares (os mesmos professores e livros didáticos) justificam uma certa semelhança em suas respostas.

Na entrevista feita para a dissertação, os entrevistados afirmaram que hoje em dia o preconceito, influência da escravidão, foi superado ou está diminuindo. Eles admitem que havia um preconceito, “mas depois isso foi sumindo com o tempo”. A divisão entre negros e brancos não existe mais, “De geração a geração vai sendo esquecido” ou “Está diminuindo, aos poucos diminuindo melhorou”.

Os entrevistados prosseguiram na primeira vez que foram ouvidos: “há poucos negros na universidade” porque “negros, mulatos, morenos em geral, se acomodaram muito, pouca gente estudou de verdade, poucos negros hoje em dia conseguem um bom cargo”, mas “quando não há condições, com esforço, usando um pouco a cabeça, você acaba criando outra oportunidade”. Note-se também que não houve uma identificação com esses personagens, uma vez que a referência é sempre *eles*. Falou-se do *outro* e não de *nós*. Houve uma referência ao negro no tempo da escravidão como indivíduo acomodado: “Eu questionava muito por que não houve uma revolta, uma organização por parte dos escravos”, associando-os aos tempos atuais. Essa representação do negro, acomodado e pouco esforçado, está associada a uma desvalorização das matrizes afro, relegando esses personagens a um papel socialmente inferior. Possivelmente, a representação do negro, sempre associada ao trabalho pesado e aos castigos corporais, apresentada no processo didático-pedagógico, tenha reforçado esta visão.

6

O movimento de identificação está intrinsecamente associado aos aspectos positivos atribuídos ao grupo e a si mesmo. Ou seja, mesmo que inconscientemente se vissem ali retratados, dificilmente manifestariam esse sentimento.

Em outra pergunta feita ao Rodrigo sobre a correspondência dessas cenas com a atualidade, houve um desvio da resposta:

Num primeiro momento, ele tentou desvincular-se completamente da pergunta, retomando a um passado distante da história do Brasil " Porque a partir dessa época que começa a exploração aqui no Brasil o trabalho braçal além de ser para os pobres". Procurou nivelar brancos e negros agrupando-os pela condição social priorizou neste caso as diferenças sociais.

Notamos, pelo menos entre esses alunos afro-descendentes um sentimento de não pertencimento ao grupo, como se não vivenciassem a situação de preconceito e marginalização. Talvez eles individualmente não tenham vivenciado mesmo o preconceito, fugindo à sua capacidade de uma análise social mais ampla da questão.

As contradições percebidas nas falas ou nos silêncios levaram-nos a refletir sobre o conceito de identidade. Optamos pela idéia de identidades em constante transformação, inscrita numa rede social de permanentes mudanças.

Partilhamos nesse ponto com Ferreira quando afirma que a categoria identidade

*É aqui considerada como uma referência em torno da qual o indivíduo se auto-reconhece e se constitui, estando em constante transformação e construída a partir de sua relação com o outro. Não é uma referência que configura exclusivamente uma unidade, mas, simultaneamente, unidade e multiplicidade. (2000, p. 47)*

Sendo assim, podemos considerar a "dinâmica de identificação, submetida à dinâmica do processo de viver" (FERREIRA, 2000, p. 47), já que, sob essa perspectiva, ela é relacional e está vinculada às condições sociais e materiais existentes.

O conceito de identidade tem sido atualmente intensamente discutido. A identidade estável, definida pelas características comuns dos grupos, tem sido questionada. Novas identidades emergiram, deslocando as antigas referências que davam suporte à estabilidade social. O surgimento dessas identidades foi resultado de mudanças rápidas e permanentes das sociedades modernas. A efervescência dos debates em torno do conceito de identidade resultou na idéia de identidade em crise, que, por sua vez, está intimamente vinculada às mudanças e transformações globais.

Segundo Woodward,

*As identidades em conflito estão localizadas no interior de mudanças sociais, políticas e econômicas, mudanças para as quais elas contribuem. As identidades que são construídas pela cultura são contestadas sob formas particulares no mundo contemporâneo - num mundo que se pode chamar de pós-colonial. Este é um período histórico caracterizado, entretanto, pelo colapso das velhas certezas e pela produção de novas formas de posicionamento. (2004, p. 25)*

Sendo assim, desenvolvemos aqui uma visão focada na multiplicidade e fluidez das identidades, posto que acreditamos que os conflitos e a competição estão voltados para a construção de novas identidades culturais, ocorrendo em diferentes contextos.

*À medida que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural. (Hall, 1992, p.74)*

A identidade é forjada ao longo do tempo e pressupõe certa unidade, muitas vezes em correspondência com o passado. Para Hall, uma pretensa identidade unificadora anula ou subordina a diferença cultural, ou seja, a unificação nacional é um processo de supressão forçada da diferença, envolvendo assim o jogo do poder. “A marcação da diferença é crucial no processo de construção das posições de identidade.” (Woodward, 2004, p. 39) A oposição binária (homem/mulher, branco/preto) produz significados fixos. Essa ambivalência pode provocar uma crise de identidade, como verificamos na voz de Rodrigo na primeira vez em que foi entrevistado:

*- Pela unidade, o todo, não pela parte. Eu pertencer mais a um lado do que o outro. E eu não me sentia nem tão afro nem tão branco. Eu nunca me definia como. A minha avó, ela tem predominância da parte branca.*

Ao tentar explicar que é neto de branca, deixou implícito que uma posição é superior à outra, justificando a sua dúvida.

Ao voltarmos à entrevista numa outra circunstância, buscamos dar um retorno ao entrevistado e ao mesmo tempo esclarecer alguns pontos obscuros. Utilizamos aqui a entrevista reflexiva na pesquisa apresentada por Szymanski na qual a autora aponta para a necessidade de construir uma condição de horizontalidade e de contornar algumas dificuldades:

*A reflexividade tem aqui também o sentido de refletir a fala de quem foi entrevistado, expressando a compreensão da mesma pelo entrevistador e submeter tal compreensão ao próprio entrevistado que é uma forma de aprimorar a fidedignidade. (2002, p.15)*



Com essa volta, o entrevistado pode retornar à questão discutida e realizar novas articulações produzindo novas narrativas. De acordo com Szymanski:

*Essa “volta” ao entrevistado, garantindo-lhe o direito de ouvir e, talvez, de discordar ou modificar suas proposições durante a entrevista, assim como os cuidados a eles dispensados, cumprem também um compromisso ético presente em qualquer situação em que se utilize a entrevista.*

Ao retornar ao entrevistados, percebemos uma diferença: um deles demonstrou grande interesse em ver a entrevista agendando imediatamente o encontro o outro, apresentou dificuldades no encontro e quando o fez suas intervenções foram muito superficiais. Vejamos, o primeiro Pedro, diante da leitura do seu texto o qual apontava que o preconceito não existia mais e que de geração a geração ia desaparecer, reagiu:

*“É muita coisa mudou, há um tempo atrás eu realmente não conseguia reconhecer que havia a diferença. Para mim, era um grande bloco, eu olhava e não via. Hoje, diante a minha experiência, já consigo me ver como afro-descendente. Percebo que há coisas muito específicas do negro. Sei, por exemplo, que as mulheres negras tem maior vulnerabilidade a certas doenças do que as não-negras; sei que o cabelo do negro merece um tratamento diferenciado do cabelo do branco.”*

Da uma entrevista até o retorno, passaram-se mais de um ano e Pedro passou por novas experiências de vida: se formou em história da arte, está trabalhando em uma escola do Estado e numa ONG, declarou que fez alguns cursos para entender a cultura africana por causa da lei que obriga o ensino da História da África, etc. Declarou também que “até mesmo a abordagem do tema escolhido para a minha monografia, o Funk, fez com que eu me aproximasse da questão do afro.” Essas experiências foram bastante positivas para a afirmação da identidade negra. Se retomássemos aos estágios apresentados por Ferreira (2002) a respeito da construção das identidades afro-descendentes, poderíamos dizer que Pedro encontra-se neste momento no estágio de “articulação”. Ele já consegue conversar sobre o assunto, valoriza as matrizes africanas e apresenta uma identidade positivamente afirmada.

Já o segundo entrevistado, Rodrigo, apesar de viverem na mesma casa, não reagiu da mesma maneira à entrevista. Não demonstrou emoção nem quis comentar suas respostas. Alegou que “hoje em dia se as pessoas quiserem melhorar de vida elas podem se esforçar, que um dia chega lá.”. Afirmou também que as pessoas são marginalizadas mais pela sua situação financeira do que pela sua cor”. Observamos assim que o discurso do segundo entrevistado não se alterou muito em relação à entrevista original.



9

Em compensação em relação à narrativa do irmão, demonstrou uma grande diferença. Rodrigo agora, tem uma trajetória de vida completamente diferente do outro: está terminando o curso de Educação Física e está atuando numa famosa academia de ginástica. Afirmou que “está malhando bastante pois no meu trabalho devo manter uma boa imagem para a clientela.”

Concluimos assim que as marcas identitárias afro-brasileiras podem ser reveladas nas falas, nos discursos ou até mesmo na omissão e no silêncio.

**Referências:**

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*, Rio de Janeiro: DP&A, 1992.

MINAYO, Maria Cecília de Souza, *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*, São Paulo: Hucitec, 2004.

SZYMANSKI, Heloisa. *A entrevista na pesquisa em educação*. Brasília: Editora Plano, 2002.

WOODWARD, Kathryn, “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual” In SILVA Tomaz Tadeu, *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, Petrópolis: Vozes, 2004.